

**DESAFIOS E POSSIBILIDADES PARA A EXECUÇÃO DE  
PROJETOS SOCIAIS COM A GESTÃO PARTICIPATIVA  
DO ENTORNO ESCOLAR**

*Ionglia Fontana Sampaio Fernandes* (FASB)

[ifsampaio@gmail.com](mailto:ifsampaio@gmail.com)

*Danyelle Moura dos Santos* (UEFS)

[danyelle31@hotmail.com.br](mailto:danyelle31@hotmail.com.br)

**RESUMO**

Este artigo é uma pesquisa bibliográfica que tem por objetivo analisar os desafios que a escola enfrenta na gestão de projetos e ações em conjunto com o seu público interno, e também com o externo, e quais os impactos que tais dificuldades provocam na educação dos estudantes e na sociedade. A âncora teórica é constituída por Dowbor (2006) e Santos e Rodríguez-Gavarito (2004), e, para tratar especificamente da educação, as sugestões teóricas basearam-se em Freire (2002), Brandão (1985; 2007) e Libâneo (2011). Os resultados mostram que os problemas sociais provocados por questões políticas e econômicas impactam a vida das pessoas e a maneira como elas se relacionam em sociedade, e isso reflete diretamente no processo educacional. Entretanto, o desenvolvimento de projetos com propostas consegue envolver o público interno e externo, provocando interações educativas, melhorando as relações, a partir do planejamento e do direcionamento de atividades distribuídas entre os participantes.

**Palavras-chave:**

Educação. Problemas sociais. Escola e gestão de projetos.

**ABSTRACT**

This article is a bibliographical research that aims to analyze the challenges that the school faces in managing projects and actions together with its internal and with external public, and what impacts such difficulties have on the education of students and on society. The theoretical anchor is constituted by Dowbor (2006) and Santos and Rodríguez (2004), and, to deal specifically with education, the theoretical suggestions of Freire (2002); Brandão (1985; 2007); Libâneo (2011). The results show that social problems caused by political and economic issues impact people's lives and the way they relate to society, and this directly reflects on the educational process. However, the development of projects with proposals manages to involve the internal and external public, causing educational interactions, improving relationships, based on the planning and direction of activities distributed among the participants.

**Keywords:**

Education. Social problems. School and project management.

## 1. Introdução

Não é difícil encontrar quem diga, de maneira incisiva, que a educação no Brasil é ruim. Se essa pessoa tiver mais de quarenta anos, ela ainda poderá dizer: “no meu tempo era melhor”.

Em certos casos, é difícil discordar, ainda mais quando lidamos diretamente com a escola pública de Educação Básica e seus desafios primários, que vão desde a alfabetização dos estudantes até as dificuldades em construir relações de cooperação entre as pessoas que compõem a escola, sejam elas estudantes, professores ou outros profissionais que fazem parte desse grande organismo social.

Isso sem contar a estrutura física dos prédios, cujos espaços nem sempre comportam a quantidade adequada de alunos por metro quadrado. Essa questão é importante, uma vez que tem relação com o desenvolvimento pleno das atividades dispostas no currículo escolar pensado e organizado, para atender os documentos oficiais que regem a educação básica nacional, como a Lei de Diretrizes e Bases nº 9394/96, os Parâmetros Curriculares Nacionais, entre outros.

A fragmentação das relações entre as pessoas de um mesmo grupo social, seja este uma pequena comunidade ou uma associação de moradores, reverbera nos diferentes espaços de convivência, inclusive na escola, dificultando o processo educacional. As origens das dificuldades de realização de atividades em conjunto são muitas; no entanto, sabemos que muitas dessas estão diretamente relacionadas com a política e com a economia.

A política rege a vida das pessoas em sociedade, sendo responsável pelo *modus operandi* do comportamento da população. Por isso, as pessoas responsáveis por gerir toda e qualquer cidade, por melhor preparadas que sejam, precisam levar em consideração uma gestão participativa, por mais desafiador que seja trabalhar com pessoas que pensam e que tenham posicionamentos diferentes, de modo que haja uma maior possibilidade de se alcançar melhores resultados e melhorias nas condições de vida de cada cidadão.

Tratando-se da escola, o exposto não é diferente. Uma gestão verticalizada, na qual a figura do diretor é vista como superior à dos outros funcionários, de modo a estabelecer uma distância entre este e os seus colegas de trabalho, não contribui para dissolver a individualidade entre os integrantes que constituem o corpo de atores da escola. E, sendo a es-

cola um local no qual exemplos são dados e também seguidos, o tipo de postura de cada pessoa é observado, discutido e, não obstante, reproduzido pelos outros, e, pode-se dizer, essencialmente, pelos estudantes, que, muitas vezes, veem a figura do professor como referência.

Pensando nessas questões, este artigo trata-se de um estudo bibliográfico no qual se busca analisar as dificuldades que a escola, compreendida nas figuras dos professores, alunos e demais funcionários, encontra para executar ações em conjunto com o seu público interno e, também, com o externo, e quais as consequências que isso acarreta na educação dos estudantes, e, de modo mais amplo, na sociedade.

Para alcançar o objetivo proposto, foi feito um levantamento bibliográfico, cujas temáticas abordaram assuntos semelhantes, observando as similaridades nas dificuldades e nas sugestões de procedimentos com possibilidade de se obter resultados mais satisfatórios expostas nas obras, tendo como base os seguintes autores, no que tange aos assuntos relacionados à gestão de projetos: Dowbor (2006) e Santos e Rodríguez-Gavarito (2004); e, para tratar especificamente da educação, as sugestões teóricas basearam-se em Freire (2002), Brandão (1985; 2007) e Libâneo (2011).

A revisão bibliográfica, como apontado por Boccato (2006), intenta apontar alternativas para resolução de problemas, por meio do auxílio de trabalhos publicados em *sites* de eventos, livros, revistas, entre outros, que tenham passado pela avaliação do rigor científico exigido por diferentes instituições. Vale salientar a importância de se observar o ano de lançamento das obras, como condição essencial para se comparar rupturas e também permanências no objeto investigado ao longo do tempo.

Os resultados obtidos apontam que, por mais que ocorram dificuldades de execução de projetos em conjunto, ocasionadas pela fragmentação das relações interpessoais de pessoas que compõem um determinado grupo social, provocadas, entre outras causas, por questões políticas e econômicas, a construção de projetos que envolvam a população, considerando as especificidades de cada pessoa ou pequenos grupos direcionados à realização de determinadas tarefas.

Dessa forma, precisam ser conciliadas a reuniões e planejamentos com apoio da escola, e seus profissionais, para promover momentos de reflexão sobre as diferentes realidades existentes entre os diferentes grupos de pessoas de uma mesma sociedade, o que evidencia uma educação no sentido próximo do que apontam autores como Paulo Freire (2002) e

Demerval Saviani (1981), que defendem uma educação que extrapola os muros da escola, que considera o fazer comunitário como trabalho e, conseqüentemente, os atos educativos.

Ao estabelecer relações melhor estruturadas, a sociedade se transforma e avança de modo positivo, possibilitando o desenvolvimento físico local. Isso reforça, entre outras questões, a importância da valorização e do respeito ao meio ambiente e aos recursos naturais, os quais respondem diretamente à manutenção das diferentes formas de vida existentes na terra, inclusive a humana, que, com passar dos tempos, se torna cada dia mais dependente da natureza.

Contudo, o potencial social da escola, por mais que apresente pontos definidos, ainda esconde exigências e possibilidades às quais devemos nos atentar, o que faz da escola um campo cheio de desafios, especialmente no que diz respeito ao desenvolvimento de projetos e de pesquisas que busquem avanços qualitativos para a sociedade.

## **2. *Projetos socioeducativos como complementação curricular***

É sabido que a escola cumpre uma função social. Ela trabalha com a gestão dos conhecimentos construídos e sistematizados pelos homens ao longo da história e, objetiva, entre outras questões, preparar seu público para a resolução de problemas que afligem as pessoas a nível local municipal, estadual e, não obstante, nacional.

Terra e Gordon (2002, p. 57), apontam que “a gestão do conhecimento, em seu sentido mais atual, pode ser considerada o esforço para melhorar o desempenho humano e organizacional por meio de facilidades de conexões significativas”.

Nessa mesma linha de pensamento, Teixeira Filho (2000, p. 22) argumenta que “a gestão do conhecimento pode ser vista como uma coleção de processos que governa a criação, disseminação e utilização do conhecimento, visando atingir os objetivos organizacionais”.

Por esse motivo, além das atividades que estruturam o currículo da instituição, à escola cabe propor atividades de maneira extracurricular. Tais atividades ampliam o currículo, preenchendo lacunas que a sala de aula e os componentes (disciplinas) propedêuticos não conseguem suprir, contribuindo para o desenvolvimento local, que segundo Dowbor (2006, p. 2), “está diretamente vinculada a esta compreensão, e à necessidade de

se formar pessoas que amanhã possam participar de forma ativa das iniciativas capazes de transformar o seu entorno”.

A educação não deve servir apenas como trampolim para que uma pessoa escape da sua região, mas deve oferecer os conhecimentos necessários para ajudar a transformá-la. Para que se tenha uma educação que insira nas suas formas de educar uma maior compreensão da realidade local, é preciso ter parcerias com os diversos atores sociais que constroem a dinâmica local. Principalmente as escolas e o sistema educacional local, de forma geral, terão de articular-se com universidades locais ou regionais para elaborar o material correspondente, organizar parcerias com ONGs que trabalham com dados locais, conhecer as diferentes organizações comunitárias, interagir com diversos setores de atividades públicas e buscar o apoio de instituições (DOWBOR, 2006).

Os projetos construídos pela comunidade escolar apresentam características de interdisciplinaridade, que, segundo Fazenda (2008),

É definida como interação existente entre duas ou mais disciplinas, verificamos que tal definição pode nos encaminhar da simples comunicação das ideias até a integração mútua dos conceitos-chave da epistemologia, da terminologia, do procedimento, dos dados e da organização da pesquisa e do ensino, relacionando-os. (FAZENDA, 2008, p. 18)

É desafiador para os professores trabalharem em conjunto com os seus pares, em atividades que exigem “sair da bolha”, da “zona de conforto” da sala de aula em direção a novos rumos, ainda mais quando na base da formação desses profissionais.

Considera-se, principalmente, a educação básica, tem como premissa uma gestão verticalizada da sala de aula, com práticas pedagógicas tradicionais (SAVIANI, 1981), e uma educação “bancária”, como apontado por Freire (2002), na qual o que impera é o saber do professor, que transmite o seu conhecimento aos estudantes, estes, concebidos como sacos vazios a serem preenchidos pelos conhecimentos do mestre (SANTOS, 2017).

É importante considerar, à luz de Brandão (2007), que a educação:

[...] acontece, em casa, na rua, na igreja ou na escola, e, ao contrário do que podem pensar alguns, isso não minimiza a importância da escola, ela amplia, dignifica, no entanto, lança novos olhares desafiadores sobre a necessidade de se ressignificar o que viemos entendendo por escola e educação ao longo da história. (BRANDÃO, 2007, p. 7)

### **2.1. Comunidade escolar e projetos sociais**

A Organização das Nações Unidas (ONU) define projeto social como sendo um conjunto de atividades que se complementam na caminhada rumo à resolução de problemas que afligem a população. Nesse sentido, professor, escola e sociedade precisam estar alinhados em propósitos claros, para que se consiga encaminhar a construção de projetos que visem o bem comum das pessoas. Sobre esse tema, Brandão (1985, p. 32) afirma que somente “uma luta popular que agindo através de sua própria cultura participa da criação de sua própria liberdade”.

Alcançar tal liberdade exige organização, sistematização e metodologia criteriosa para a realização das atividades, atributos que fazem parte do universo no qual se encontram estruturadas, não só a escola, mas todas as instituições que promovem encontros interativos, planejados para o desenvolvimento de ações de ensino e aprendizagem. Exemplo disso são as Organizações Não Governamentais (ONGs), que, segundo Rodrigues (1998), costumam prestar serviços sociais muito relevantes, pois, a partir do conhecimento da linguagem de funcionamento dos projetos, essas organizações “fazem deles seu principal instrumento de reprodução institucional, na medida em que guiam suas ações por objetivos claros e quantificáveis, aliados a cronogramas controláveis (RODRIGUES, 1998, p. 39).

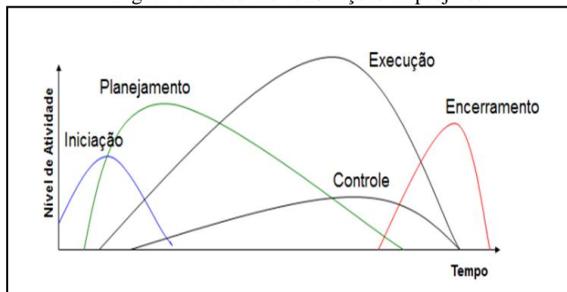
A constituição do sucesso das ONGs, por exemplo, com os trabalhos em constante parceria com os seus associados, pode estar ligada ao que afirma Ludke (1997) sobre a necessidade de os professores construir relações de proximidade com profissionais que não sejam “meros repetidores de um saber acumulado e cristalizado, mas testemunhas vivas e participantes de um saber que se elabore e reelabore a cada momento, em toda a parte” (LUDKE, 1997, p. 115).

Dessa maneira, de preferência, deve-se respeitar os saberes de cada pessoa envolvida nos projetos, suas experiências e opiniões, de modo democrático, instituindo, assim, um trabalho que provoque a construção de novos saberes e, de suma importância, a conscientização política e social, apontada por Freire (2002), na dimensão individual e coletiva da população.

## 2.2. A construção coletiva de projetos

Como apontado anteriormente, a construção de projetos exige “a identificação, a elaboração, a aprovação, a implementação, a avaliação e o replanejamento” (ARMANI, 2006, p. 30), que se dão através de estudos e pesquisas para identificação de uma necessidade ou problema para posterior resolução. O diagnóstico precisa ser feito considerando critérios científicos que darão sustentabilidade às indagações feitas e viabilizarão o início das atividades de elaboração de estratégias com possibilidade de se sanar tais questões.

Figura 1: Fases das construções de projetos.



Fonte: PMBoK, 5ª edição.

Planejar, iniciar/executar e controlar são verbos de ações de alta necessidade para o sucesso de um projeto. O planejamento possibilita estratégias que envolverão todos os participantes nas atividades; envolve a busca e detalhamento de planos de ação e o uso consciente dos recursos disponíveis, qualificando e otimizando os trabalhos. Nessa fase, é possível e necessário que se identifiquem possíveis riscos e que se crie um plano B, para corrigir falhas e dar continuidade ao projeto.

Na fase de execução, faz-se necessário selecionar pessoas e estabelecer líderes e grupos de trabalho, de modo direcionado à capacidade individual e coletiva de cada membro para realização das diferentes tarefas. É de suma importância que os envolvidos sigam as coordenadas do planejamento, para que assim se cumpra o cronograma estabelecido para entrega dos resultados. É importante que se faça um monitoramento do pessoal e das operações das tarefas, identificando possíveis dificuldades, inclusive futuras, em determinadas áreas, podendo, assim, tecer estratégias para sua recuperação.

Por mais estruturado que seja um projeto, é possível que haja problemas que podem acarretar o fracasso do mesmo, caso o grupo não esteja entrosado e todos os membros respeitados em sua individualidade e competência. Por isso, na fase de finalização do projeto, na qual os resultados serão expostos, faz-se necessário verificar se todas as fases anteriores foram concluídas com êxito, corrigindo o que não estiver de acordo com o planejado. O sucesso da equipe depende do comprometimento de cada pessoa envolvida.

### **3. Considerações finais**

Os processos que envolveram esse trabalho constituíram importantes momentos de reflexão e aprendizado, ao passo em que exigiram esforços, dedicação e muitas leituras, às quais complementaram os estudos sobre os assuntos abordados.

A gestão educacional é um campo vasto e dinâmico que merece respeito e impõe atualização de conhecimentos, respeito aos envolvidos e às suas experiências de vida, e diferentes metodologias para a execução da função, de modo a garantir um melhor desempenho. Por isso, os desafios foram muitos e, quase sempre, nos apresentaram problemas que acreditávamos serem atuais, principalmente no que tange às vivências do cotidiano da escola, que quase sempre têm suas origens fora, como a pobreza e a violência urbana, que destrói as relações pessoais e interpessoais das pessoas das comunidades, bairros e cidades.

Perceber que muitos desses problemas se arrastam e alongam na história da educação brasileira nos fez, por vezes, questionar o papel da escola, seu currículo e suas práticas pedagógicas focadas em atividades nas salas de aula e no interior dos seus muros.

Somada a essas reflexões e a esses questionamentos, veio também a necessidade de entendê-la como um organismo dentro de um organismo maior, que é a sociedade na qual ela está inserida, o que nos ajudou compreender melhor as dificuldades que essas instituições de ensino encontram, cujas origens estão presentes, principalmente, na maneira como a sociedade está organizada política, social e economicamente.

Não há, nem pode haver, separação da escola – por mais altos que sejam seus muros –, de outras instituições e de pessoas nas redondezas da comunidade, pois, corre-se o risco da continuidade entender como algo estranho, alheio à comunidade, desinteressante aos estudantes e exclu-

dente, e isso acaba por contribuir para as desigualdades sociais e para o empobrecimento de grande parte da população.

Vale ressaltar, nesse sentido, que uma economia bem estruturada favorece o investimento na educação e, conseqüentemente, qualifica a mão de obra dos profissionais que compõem a estrutura de funcionamento da escola, além de poder direcionar verbas para o planejamento e execução de projetos que contemplem não só o público estudantil, mas também a população ao seu redor, podendo contribuir para a construção de novas e melhoradas relações entre as pessoas.

Esse entendimento de educação, para além da instituição, voltada para o social, fortalece vínculos, inclui pessoas, une-as sob um propósito comum e provoca interações caras ao processo de formação humana e consciência cidadã, uma das maiores e mais difíceis tarefas da escola.

Tornam-se cada vez mais imprescindíveis práticas com o intuito de mudar a realidade com novas ações, visando à transformação individual e coletiva, para a construção do desenvolvimento local sustentável. A escola tem um importante papel na sensibilização para as mudanças com relação à natureza e ao incentivo à inserção crítica dos educandos em relação ao envolvimento na participação do entorno escolar.

Portanto, essa pesquisa nos mostra que os problemas sociais provocados por questões políticas e econômicas impactam a vida das pessoas e a maneira como elas se relacionam em sociedade, e isso reflete diretamente no processo educacional. Desse modo, o desenvolvimento de projetos com propostas, consegue envolver o público interno e externo, provocando interações educativas, melhorando as relações, a partir do planejamento e direcionamento de atividades distribuídas entre os participantes.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARMANI, Domingo. *Como elaborar projetos?*: guia prático para elaboração e gestão de projetos sociais. Porto Alegre: Tomo, 2006.

BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. *Rev. Odontol.*, v. 18, n. 3, p. 265-74, Univ. Cidade São Paulo, São Paulo, 2006.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A educação como cultura*. São Paulo, Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_. *O que é educação*. São Paulo: Brasiliense, 2007. (Coleção primeiros passos)

FAZENDA, Ivani. *O Que é interdisciplinaridade?*. São Paulo: Cortez, 2008.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

LIBÂNEO, José Carlos *et al.* *Educação escolar: políticas, estrutura e organização*. Coleção Docência em Formação. Coordenação: Antônio Joaquim Severino, Selma Garrido Pimenta. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LUDKE, Menga. A pesquisa na formação do professor. In: FAZENDA, I. (Org.). *A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento*. 2. ed. Campinas: Papirus, 1997.

RODRIGUES, Maria Cecília P. Demandas sociais versus crise de financiamento: o papel do terceiro setor no Brasil. *Revista de Administração Pública*, v. 32, n. 5, Rio de Janeiro, set/out, 1998.

SANTOS, Boaventura de Sousa; RODRÍGUEZ-GARAVITO, César. Para ampliar o cânone da produção. In: SANTOS, B. de S. (Org.), *Produzir para viver*. Os caminhos da produção não capitalista. Porto: Afrontamento, 2004.

SANTOS, Bruno Oliveira. *A performance da dança Bate-barriga: experiências de leitura*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em pedagogia) – Universidade do Estado da Bahia – UNEB – Campus X, Teixeira de Freitas-BA, 2017. 40p.

SAVIANI, D. Escola e democracia ou a teoria da curvatura da vara. *ANDE*, Ano 1, n. 1, p. 22-33, 1981.

TEIXEIRA FILHO, J. *Gerenciando conhecimento: como a empresa pode usar a memória organizacional e a inteligência competitiva no desenvolvimento de negócios*. Rio de Janeiro: SENAC, 2000.

TERRA, José Claudio; GORDON, Cindy. *Realizing the promise of corporate portals: leveraging knowledge for business success*. Butterworth-Heineman, 2002.